

Susanne S. D. Themlitz

História Natural

PT

O canguru sem orelha e o molusco errante

Num pequeno bosque vermelho sempre submerso em neblinas que vinham da planície, viviam dois companheiros improváveis: um canguru sem uma orelha e um molusco de concha partida. Ambos trabalhavam num circo ambulante, onde saltos e piruetas eram repetidos ao som de um apito. As noites eram frias e as manhãs cheiravam a serrim. Certa madrugada, fartos de serem apenas aplausos e não seres inteiros, decidiram fugir. O canguru, com um olhar enviesado e um passo determinado, saltou a cerca de madeira, levando o molusco numa pequena bolsa pendurada ao pescoço.

“Hoje, meu caro, seremos o que quisermos ser”, disse-lhe o canguru.

O molusco, que falava devagar como quem pensa em espiral, respondeu: “Ser livre é também aprender a não ter onde estar.” E perguntou, “Para onde iremos?”

Disse-lhe o canguru: “Ao encontro do OvO, o Oráculo dos Caminhos. Dizem que ele revela a fortuna de quem ousa começar de novo.”

Partiram antes da aurora e seguiram por uma insólita paisagem, onde um arco-íris com a forma de uma enorme cabeceira de cama cruzava o céu e pousava no meio de um campo com uma montanha azul, que flutuava ao longe enquanto derretia lentamente. O vento galgava a sua encosta com uma docura viva e, no cimo, junto a uma árvore, um ser de costas, imóvel, contemplava o horizonte. O canguru quis chamá-lo, mas o molusco sussurrou: “Não perturbes quem vê mais do que nós.”

Ao atravessarem uma pequena elevação, cruzaram-se com uma cadeira partida. Faltava-lhe uma das pernas, mas esforçava-se por manter-se direita, equilibrando-se com dignidade.

“Pobrezinha”, murmurou o molusco.

“Não, olha bem: há nobreza na persistência”, respondeu o canguru.

A cadeira, ouvindo-os, respondeu num estalo de madeira: “Sigam firmes. O que é quebrado também pode sustentar a jornada.” E com um leve ranger, inclinou-se na direção da montanha, como a indicar-lhes o rumo.

Caindo a tarde, os ventos persistiam e as sombras das árvores começavam a dançar sobre o chão. Encontraram um campo de flores malvas e, exaustos, quiseram descansar entre as pétalas. Mas, ao deitarem-se, o chão soou oco. As flores tremiam sob o seu peso e o molusco percebeu: “Isto não é campo, é uma mesa!” E riram, surpreendidos com o estranho e novo mundo que tinham adentrado.

Foi então, ali entre as flores-mesa, que apareceram duas primas de longos pescoços e olhos apontados às nuvens, que se apresentaram como Crescida e Comprida.

“Para onde ides, viajantes sem jaula?”, perguntou Crescida.

“Procuramos um lugar onde o vento não tenha dono”, respondeu o canguru.

Comprida então indicou o caminho: “Segui o sopro que vem do Norte. Encontrareis, antes que os ventos tomem a planície e vos arrastem, um retiro vazio no cimo da árvore velha.”

“E o OvO?”, quis saber o canguru.

“Encontrá-lo-eis onde o abrigo respira”, respondeu Comprida, enigmática.

Agradecidos, partiram apressados. O vento crescia, empurrando ervas e poeira como ondas num mar

invisível. No horizonte, o retiro apareceu, uma forma verde e brilhante. Aproximaram-se: era um fungo gigante, macio. Respirava lentamente, como se dormisse. Entraram. Lá dentro, o ar era húmido e morno. No centro do abrigo, sobre uma cama de musgo, repousava o OvO, maior que o molusco e mais leve que o ar, ostentando uma pesada coroa de arabescos em cerâmica.

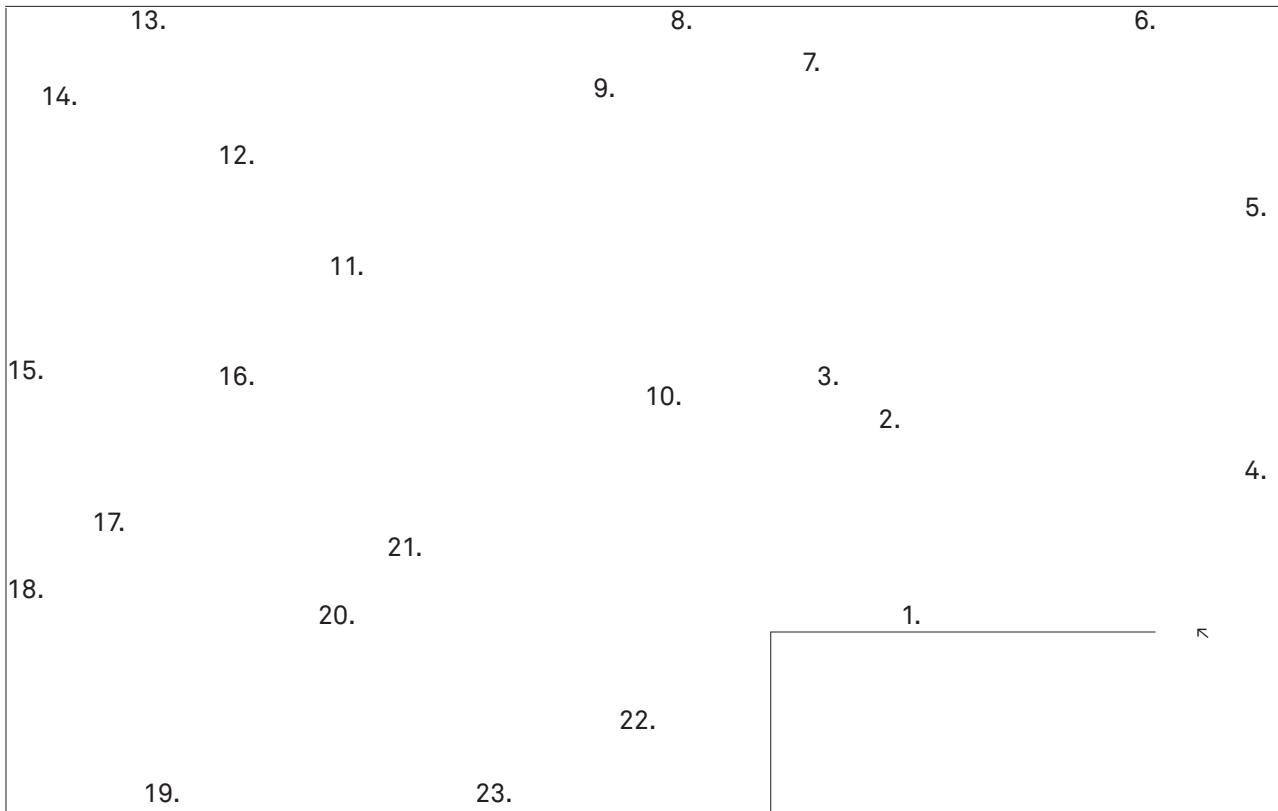
“Somos livres, mas não sabemos quem ser”, disse o canguru.

O OvO tremeu e, sem se quebrar, murmurou: “A liberdade não vos dirá o destino, apenas vos devolve o espelho.”

Olhando pela entrada do abrigo, o canguru e o molusco perceberam que o mundo se tinha posto a girar. O arco-íris/cabeceira de cama elevava-se no céu, a montanha azul pousava de cabeça para baixo no solo, as flores dissipavam-se numa centelha de luz e o ser contemplador caía vertiginosamente para dentro do horizonte. Compreenderam então: libertando-se do que os prendia, viram um mundo ao contrário que era seu. O vento levou o eco dessa descoberta montanha acima, onde os sonhos se equilibram, e o canguru e o molusco precipitaram-se para fora do fungo, correndo para dar a boa nova aos amigos que tinham deixado para trás e aguardavam ansiosos por notícias: o coelho sem queixo, a tartaruga cor-de-rosa e o cãozinho com problemas na cabeça.

Catarina Rosendo, 2025

Susanne S. D. Themlitz (Lisboa, 1968) é uma artista de nacionalidade portuguesa e alemã que vive e trabalha em Lisboa, Sintra e Colónia. Entre 1987 e 1995, estudou desenho e escultura no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa, fez estudos no Royal College of Art, em Londres, e completou o mestrado em artes visuais da Kunstakademie Düsseldorf. Expõe regularmente desde 1998 e está representada em diversas coleções institucionais e particulares. Ao longo dos anos, a sua obra tem vindo a constituir-se como um universo poético de grande simbolismo e em diálogo constante com a história da arte, a literatura, as ciências naturais, as tradições populares e as estórias infantis. Estes referentes raramente se tornam explícitos nas paisagens imaginárias e nas figuras híbridas com as quais Themlitz cria ambientes de uma teatralidade silenciosa que convocam o espetador, tornado participante ativo de cenas onde o visível e o sugerido dialogam e potenciam-se mutuamente no espaço da imaginação e da ficção. Os vínculos entre a realidade e o real inconsciente, a paisagem como lugar de inscrição do humano, a memória e o esquecimento, a metamorfose e a passagem entre estados, as zonas limítrofes em que as coisas se tornam incertas e contaminam mutuamente, os espaços intersticiais que abrem caminho ao devaneio e à fantasia – por vezes à dormência –, são temas caros à artista. As suas esculturas e instalações abrem para mundos paralelos onde se acumulam e agregam objetos domésticos ou industriais transformados e combinados com elementos naturais, e seres mutantes, introspetivos e quase sempre sem rosto, surpreendentemente plausíveis na sua alteridade e singularidade, bem como desenhos e pinturas que misturam a minúcia descritiva do grafite, as tintas estampadas por calcagem e as colagens de materiais variados como recortes de jornais ou papéis de parede. A fotografia e o vídeo completam a abordagem transdisciplinar de Themlitz aos meios artísticos, bem como uma produção escrita que, por vezes, toma a forma de livros de artista. Pelas imagens e sensações geradas no espetador através das suas obras, perpassa o impensado e a resistência à codificação verbal, para os quais contribuem, ainda, a busca por formas incomuns de ocupar os espaços, através de elevações ou suspensões que distorcem os eixos de visão ou de alusões ao subsolo e ao mundo subterrâneo onde determinadas espécies respiram e prosperam; bem como a subversão das proporções e das escalas, deformadas e invertidas por meio da macrocefalia ou da atrofia dos corpos e do uso de lentes e vidros. No cerne do trabalho de Themlitz reside uma intenção, por vezes humorada, por vezes melancólica, de criar imagens e objetos tão mais eficazes quanto o espetador se deixa envolver na suspensão da descrença que lhe permite aceder a outros modos de percepção da realidade.



1. Comprida, 2025

Madeira, camisa de algodão, fibra de vidro, cimento, cerâmica, elástico, galho de árvore com líquen
215 x 48 x 60 cm

2. Fungus, 2025

Cerâmica, madeira
190 x 57 x 30 cm

3. Crescida 2025

Madeira, camisa de algodão, fibra de vidro, cimento
205 x 50 x 33 cm

4. Sistema monomórfico, 2025

Óleo e acrílico sobre madeira e tela, bola de vidro
97 x 80 x 2 cm

5. Flores aparecem, 2025

Óleo e acrílico sobre madeira e metal, pregos, arame
159 x 41 x 2 cm

6. Forma sustentável (Equilíbrio), 2025

Madeira, cerâmica
60 x 90 x 56 cm

7. Canguru (Monumento), 2025

Gesso cerâmico com pigmento, ferro pintado, madeira
101 x 35 x 37 cm

8. Inter-relação 2025

Óleo, acrílico e tela
64 x 66 x 2 cm

9. Molusco NR, 2025

Cerâmica, madeira pintada, gesso cerâmico com pigmento, estrutura interior em ferro, gaze e plástico
188 x 35 x 35 cm

10. Tartaruga, 2025

Gesso cerâmico com pigmento, alumínio, PVC, cerâmica, madeira
214 x 50 x 35 cm

11. OvO, 2025

Cerâmica, madeira, gesso cerâmico com pigmento
112 x 26 x 26 cm

12. Desenho (Iceberg), 2025

Madeira, esfera de vidro, elástico, grafite sobre papel, ferro, grampo
188 x 100 x 39 cm

13. Sem título, 2025

Óleo sobre tela
19 x 24 cm

14. Descanso, 2025

Óleo e acrílico sobre tela, banco de madeira
45 x 26 x 42 cm

15. Estado de agregação e interação, 2025

Óleo e acrílico sobre madeira e tela
198 x 143 x 5 cm

16. Abrigo, 2025

Madeira, cerâmica
230 x 24 x 25 cm

17. Coelha-orelha (Monumento), 2025

Gesso cerâmico com pigmento, mármore, aglomerado folheado, galhos de árvore
143 x 50 x 27 cm

18. Abrigo (Rorschach), 2025

Cerâmica, espelho com tinta
33 x 27 x 14 cm

19. Processo natural, 2025

Óleo, acrílico e líquen sobre madeira
162 x 41 x 2 cm

20. Planície (Upslope Flow), 2025

Cerâmica, gesso, tinta esmalte e verniz sobre madeira
83 x 60 x 82 cm

21. Trio (The World Upside Down), 2025

Gesso com pigmento, alumínio, ferro, madeira, bambu, bola de cristal, bola de vidro, arame, casulo de caracol
190 x 40 x 50 cm

22. Coucou, 2025

Cerâmica, pasta de modelar, madeira, ferro pintado
82 x 35 x 35 cm

23. Ah ha, 2025

Óleo e acrílico sobre madeira e tela, pedras
114 x 79,5 x 2 cm